



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

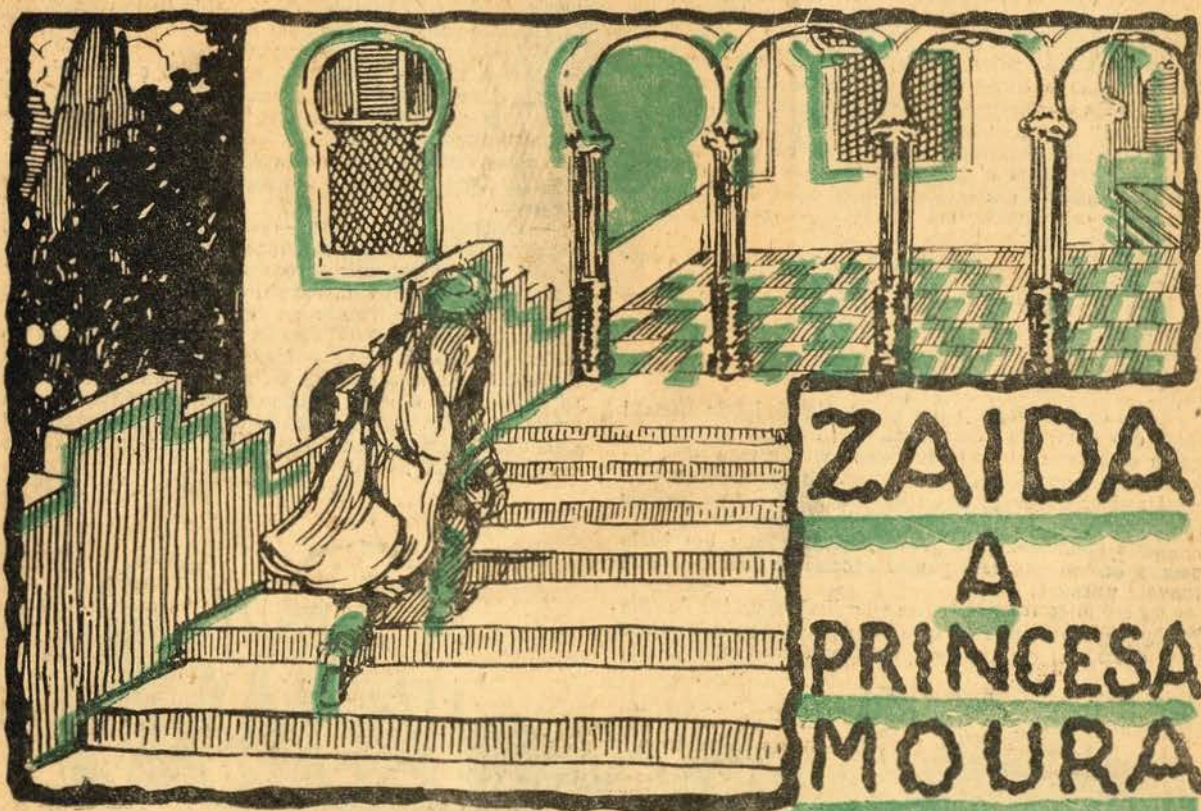
Director literario:

Arquitecto
PAPIM

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE



Por FERNANDO A. SIMOES

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



RECIPITADAMENTE, o mouro subiu a escadaria do palácio; sem mesmo olhar para quem o chamava; atravessou rapidamente as âmpas salas, cheias de colunas terminadas em lindos arcos ogivais, e dirigiu-se a uma mulher de formosura peregrina, que, rodeada de todas as suas aias e escravas, contemplava melancólica o movimento das águas, que no repuxo do lago, ora subiam a uma altura enorme, ora desciam novamente ao nível do lago, para logo tornarem a subir.

Era Zaida, a formosíssima filha do rei Moley-Hamet

Quando chegou ao pé dela, o misterioso mouro, que pela poeira que lhe cobria o rosto e os vestidos, parecia ser um mensageiro, curvou-se até tocar no chão com a cabeça, e assim se deixou ficar por alguns momentos, pronunciando, baixinho, misteriosas palavras.

Ao vê-lo, uma palidez cadavérica cobriu o rosto angélico de Zaida, que, com uma voz em que não conseguia dissimular a angústia que lhe ia na alma, lhe disse:

— Levanta-te, mensageiro, e dize-me se Allah consentiu mais uma vez que a vitória pertencesse aos seus fiéis.

Lentamente, o mouro curvou-se mais ainda, se acaso era possível; depois, cruzando as mãos sobre o peito, disse; ou antes, sibilou:

— Senhora: no campo onde, há quatro luas, se encon-

travam 10 mil mouros e 5 mil cristãos, apenas restam de pé dois homens. O sangue é tanto, que numa enorme redondeza nos cobre completamente os pés. Os cadáveres são tantos, caídos uns por cima dos outros que chegam a formar montes mais altos que os minarêtes das nossas mesquitas.

O mensageiro calou-se, esperando sem dúvida uma pergunta da princesa para prosequir.

Essa pergunta veio:

— Esses dois homens que apenas restam dos 15 mil que há 4 luas lá estavam, quem são?

Numa nova mesura, o mouro quasi rojou pelo chão; depois disse:

— Senhora: um dêles é o muito poderoso senhor Moley-Hamet, rei de toda a mourama, e vosso pai; o outro, é o rei dos infiéis.

Há já duas luas que a espada dum se crusa com o alfanje do outro, com tamanha fúria, que as faiscas saltam. Por vezes, tem de interromper o combate, pois as lâminas das suas armas estão tão quêntes que nem lhes podem pegar. Não comem nem dormem: todo o dia e toda a noite eles combatem sem que se consiga saber qual será o vencedor.

Um grito estridulo de pavor, ecoou por toda a nave; em todos os que o ouviram, os corações cessaram de bater, e os próprios peixes, que às centenas passeavam no lago, sustiveram-se na carreira, e pararam ansiosos: soltara-o a princesa Zaida, que tombara desmaiada sobre os braços duma das suas aias.

Esta, ajudada pelas outras aias, e todas as escravas, transportaram o corpo inanimado da princesa para o seu quarto, onde a estenderam num riquíssimo coxim.

A correr, fôram chamar o físico do palácio, que veio imediatamente: observou atento o rôsto da princesa, e fazendo muitas rezas e salamaleques, para iludir os que o rodeavam sobre a sua sciência, tirou duma das inúmeras dobras do seu vestido, um frasco, cujo o conteúdo deu a cheirar à princesa, e afastou-se.

Pouco depois, Zaida voltava a si, e com um gesto despediu todas as suas aias, ficando sósinha no aposento.

Logo que a última aia saiu o peito de Zaida elevou-se num soluço, e as lágrimas caíram-lhe pelo rôsto formosíssimo, indo inundar-lhe as mimosas mãos.

— Meu pai! Meu amado! murmurava ela por entre soluços.

Estão os dois frente a frente! Um de vós há-de morrer! Qual dos dois! Oh! Se alguém me desse a escolher... quem escolheria eu? «O amor que tenho a meu pai é tão forte como o que tenho a meu noivo. Ah! Se me fôsse possível morrer em lugar de qualquer deles! Se eu os pudesse salvar. Mas como? como? Que Allah seja comigo!

Neste momento, pela janela ogival entrou um lindo pombo branco que veio pousar dôcemente num ombro da formosa princesa.

Do seu bico desprendeu-se uma lindíssima fita de sêda branca, que se abriu no colo da princesa, patenteando a seus olhos uns caratêres negros, que a princesa logo leu.

Dizia assim:

Uma princesa formosa
Prisioneira há-de ficar
Numa tôrre tenebrosa
Se quizer seu pai salvar

Essa princesa formosa
Para cúmulo de maldição
Há-de ter morte horrorosa
Por ser noiva dum cristão

Se cumprir com êste fado
Salvará pai e amado
Pelo contrário, se se temer
Pai e noivo hão de morrer.

Quando acabou de lêr, o pombo saltou-lhe para o regaço, apanhou a fita com o bico, e descrevendo uma ligeira curva, saiu pela janela.

Zaida, a princesa moura, encostou o rosto às mãos, e durante alguns momentos ficou pensativa. Estava ali a salvação de seu pai e noivo. Iria ela fazer o que o pombo lhe aconselhava? Levantou-se e chamou uma das suas aias.

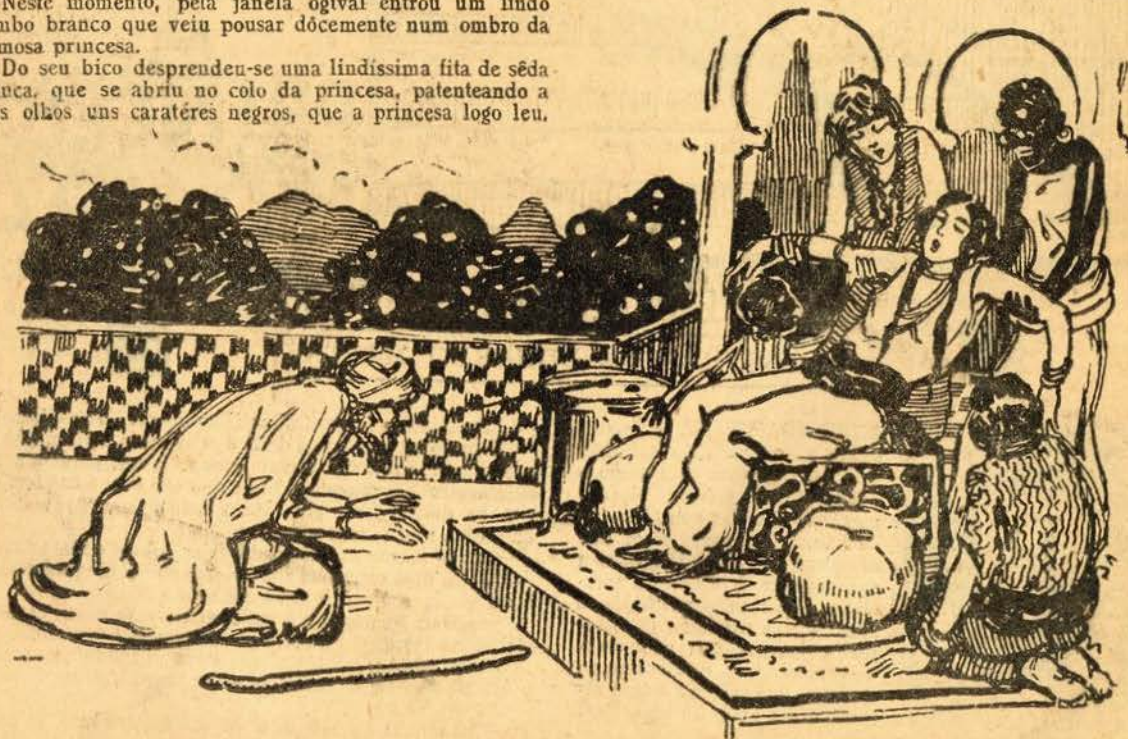
— Sahema, disse, logo que ela entrou, tu percebes de magia, sei-o.

Dize-me portanto o que quer isto dizer.

E Zaida pronunciou os versos que lêra.

Quando acabou, olhou para a sua aia, e o que viu gelou-lhe o sangue nas veias: Sahema deitara os cabelos para traz, num momento emagrecêra imenso, os olhos abriam-se-lhe desmesuradamente, dentes apenas tinha dois, e os seus ricos vestidos tinham desaparecido deixando ficar uns imundos farrapos; todo o seu aspecto era o de uma feiticeira má.

— Cumprem-se os fados — disse ela com um riso feroz, e aproximando-se da princesa, que involuntariamente recuou. — Não fujas, minha bela, a tua sorte está nas minhas mãos; a nossa rainha, a rainha das feiticeiras, resolveu-se emfim a fazer a minha felicidade e a tua desgraça. Há muito já, que eu lh'o tinha pedido! Mas há outra, outra feiticeira tão poderosa como eu, e minha inimiga portanto, que resolveu salvar-te, e se a rainha me faz agora a vontade, é porque se zangou com a outra, e sendo assim, oh! sendo assim, a minha vingança está assegurada e tu, hás-de morrer. Ah! Com que alegria te hei-de ouvir os gritos de pavor na noite em que morreres!





Mas um pensamento me desespera: tu salvarás o teu pai e o teu noivo e morrerás portanto contente.

Mas não importa: hás-de sofrer e hás-de morrer.

E rindo sempre, sacudindo-se toda com os estremecimentos do riso, aquela mulher era verdadeiramente horrível e repelente.

Zaida, a pobre princesa, olhava como louca para a sua aia, e perguntava a si própria que mal lhe teria feito para que ela a odiasse daquela maneira.

— Vai, linda princesa, vai salvar o teu noivo e o poderoso rei, teu pai, vai que depois, oh! depois, a tua vida será minha.

E recuando, sem nunca lhe voltar as costas, sem nunca deixar de rir, Sahema saiu do quarto.

Chorando, a pobre Zaida preparava-se para deixar o alçácar de seu pai.

Como era heroica e santa aquela pobre princesinha! A sua morte, se tentasse salvar seu pai e seu noivo era certa, e no entanto a valerosa filha do rei Moley-Hamet não pensou por um momento sequer em abandonar à sua sorte aqueles dois entes tão queridos.

Limitou-se apenas a chorar a sua felicidade perdida, e nada mais.

Mas, para que escondê-lo?, apesar de moura, ela tinha uma fé sem limites no Deus do seu noivo, Deus dos cristãos e tinha a secreta esperança, que nem sequer a si própria ousava confessar, de que o seu noivo tentaria tudo para conseguir a sua salvação.

E por entre lágrimas, Zaida sorria, pensando na sua felicidade se o noivo conseguisse a sua salvação como ela ia conseguir a dele.

Era noite. Uma linda noite mourisca. Allah ordenára que o céu se povoasse de estrelas, talvez para proteger a caminhada que a filha do rei Moley-Hamet ia dar.

O silencio reinava por sobre aquele pedaço do vasto império mouro.

Zaida, sentada no peitoril da sua janela, tocava numa guitarra (talvez lhe tivesse sido levada secretamente, por algum emissário do rei cristão), e chorava cantando, com

uma voz tão triste, que comoveria a própria Sahema se acaso a ouvisse:

Adeus ò terras mouriscas
Onde há mouras de encantar
Ides perder uma filha
Por querer seu pai salvar

Ides perder uma filha
Que é formosa de encantar
Adeus ò terras mouriscas
Eu vou meu noivo salvar.

Devagar, mas sem hesitações, Zaida pôs a guitarra em cima do seu coxim, e depois, cavalgando a janela, desceu por uma escada de sêda, que se encontrava do lado de fora.

Estava nos jardins do palácio.

Dirigiu-se rapidamente para uma pequena porta, escondida atrás de um monte de ervas, abriu-a e saiu.

Lesta, atravessou as ruas da cidade, e pouco depois, transpunha as portas da muralha, que um qualquer soldado que sem dúvida a conhecia, lhe abriu respeitosamente.

Pouco depois encontrava-se num campo deserto. Parou; por onde iria? Ela não o sabia bem; ía ao acaso, mas esperava que um qualquer milagre lhe indicasse o sitio onde seu pai e seu noivo estavam combatendo.

Esse milagre realizou-se: o pombo que lhe levava ao palácio, a fita de sêda onde ia marcado o seu destino, veio novamente pousar-se-lhe num ombro. Zaida atagou-o, e ao contacto daquela mão tão linda o pombo cresceu, cresceu, até ficar maior que uma águia.

Então a formosa princesa montou-o, e o pombo branco como a neve, elevou-se rapidamente no espaço.

Num enorme descampado, onde os cadáveres são aos milhares e o sangue sóbe quasi a meio metro de altura, dois homens cruzam, rangendo os dentes, as suas armas.

Um é novo, formoso, com um linda barba preta a emoldurar-lhe o rosto; é elegante e traja com riqueza. O outro, apesar de não ser novo, também não é velho, pois apenas conta 36 invernos. Não obstante, os seus cabelos são brancos, e pôdem admirar-se à luz do luar, pois o albernôz lhe caiu já, na fúria da peleja.

BOCAS MÁGICAS

(DO CONTO «LES FÉES» DE PERRAULT)

Por JOAQUIM FILIPE

Desenhos de EDUARDO MALTA



RA uma vez uma viuva de ventas torcidas, mãe de duas moças, tão parecidas uma com a outra, como um ovo com um espêto. A mais velha, vera-efígie da megera que a gerou; a mais nova, viva imagem do santinho do pai que Deus haja.

Uma tão feia de alma como de corpo, afugentava toda a gente com o seu feitio sacudido, enfatuado orgulho e língua, como agulha ferrugenta. A outra, anjo de bondade, inocência e meiguice, aliava a virtude à beleza. A má, Santo Antoninho onde te porei, nas mãos da maldosa mãe; vasculho da cosinha, a que era um amorzinho. Além da lida do lar, Maria da Graça—assim se chamava a infeliz gatinha borralheira—havia ainda, de manhã e ao pôr do sol, de ir à fonte encher o cântaro.

Meia légua dista a fonte do logarejo onde móra a martirisada Gracinha.

Em amena manhã de maio, a bilha sôb a bica da fontainha, viu Graça, à sua beira, corcovada velha, em voz baixa, implorar:

—Por compaixão! uma sede de água.

—Da melhor vontade, santinha,

E, com certa cautela, aproximou o cântaro da boca da pobre pedinte, mitigando-lhe suavemente a sede.

—Bem hajás, anjinho do céu,—disse a velhinha em doce voz,—e que outra não era senão a fada do génio generoso e gentil. Premeio teu bondoso coração, dando-te o dom de, quando falares, as tuas palavras se transformarem em flores e pedras preciosas.

Sumiu-se a fada em ténue lume, azulino e poirento.

Quando Graça, apressada, voltou a casa, cubriram-na de ralhos e safanões, as fêras da mãe e da irmã.

—Demorei-me por bem fazer. Perdõe-me, minha mãe.

E a cada solta palavra, uma pérola se lhe desprendia dos lábios.

—O que vejo?!—exclamou, assarapantada, a fúria da mãe.—E, avára da verdade, pela vez primeira, chamou filha a Maria da Graça. Anda, filha minha, explica porque da boca expeles pérolas.

Singelamente, a cândida donzela, contou o que se passara na murmurante fontainha.

Então, a invejosa viuva, voltando-se para a filha mais velha, rouquejou:





—Pega no cantar e põe-te a caminho da fonte, quando antes. Logo que uma velha, pobretona, te peça de beber, mata-lhe a sede, prontamente.

—Aguadeira, à ultima hora!... Não me faltava mais nada. Basta de graçolas!—declarou Carlota, tal era o nome da atrevida.

—Que fosse,—lhe ordenou, furiosa, a viuva, batendo o pé no sobrado.—A arrevezada rapariga, com arremesso, segurou num gomil e partiu a resmungar pragas de grosso calibre.

Ao chegar à fonte, da floresta, em frente, surgiu dama de alto coturno, vistosamente trajada, que se abeirou dela. Com boas maneiras, lhe rogou que lhe dêsse de beber.

—Essa agora! Eu a dar água a gulosas. Vá beber a sua casa. Tal está a lúfia espevitada!...

Então a fada do génio generoso e gentil, mudada em elegante princezinha, para pôr cõbro às diabruras da péssima criatura, ergueu a varinha de condão e exclamou:

—Castigo as tuas más ações, dando-te o dom de cuspires cobras, sapos e sardões, sempre que déres à língua viperina.

A fada esvaiu-se em débil luz azul, e a verduga deu às de Vila Diogo, tremendo como varas verdes.

* * *

Ao voltar a casa, Carlota, morta de cansaço, deixou-se cair num canapé, sem ousar abrir bico.

A viuva, deveras alvoroçada, vociferou:

—Fala, diabo. O que foi? Parece que viste bicho.

Carlota explicou o acontecimento, com a bõca a atafu-lhar-se de insectos e vermes repelentes.

Fazia pavôr o espanto da mãe, empurrando as culpas para cima da outra filha.

—isto foi partida da paura da tua irmã.

—Expulsa-a a ponta-pés, que a velhaca a bõca me emporcalhou...

—Cala-te Carlota, que me enches de cobras a casa! E, tu, põe-te ao fresco, velhaca de uma figa!

Gracinha, obediente, abandonou o lar, afastando-se, chorosa até à floresta, pano de fundo da sua conhecida fonte-zinha.

* * *

O príncipe, de volta da caça, julgou sonhar, ao descobrir a linda Gracinha. Nunca a sua vista se impressionara com imagem tão atraente e sedutora.

—Florzinha da floresta, porque inundas de lágrimas teu rosto de tristeza?

—Do meu agasalho me deitaram fora.

E, por cada palavra que soava, melodiosa, saíam pérolas semelhantes aos seus dentes, safiras da cor dos seus olhos, topázios no tom dos seus ondulantes cabelos, rubis lembrando os seus lábios, diamantes com o brilho das unhas dos seus aguçados dedos.

Maravilhado o filho do rei de tanta preciosidade, pois nenhum reino possuía princeza com tão valioso dote de riqueza e formosura, amoroso, apresentou, em palácio, a seus pais, a graciosa Maria da Graça.

Principêscas núpcias vieram a realizar-se a contento do rei, da cõrte, do clero e do povo.

.....
A irmã, tão odienta se tornou que, repelida pela própria mãe, acabou seus dias a um canto do bosque, ruída pelos sapos, cobras e sardões.

A mãe, de juízo avariado, rõta e descalça, mendigava, balbuciando:

—Dai uma esmolinha, à mãe das bõcas mágicas.

Quadras populares ilustradas

Saiem hoje as primeiras quadras populares, feitas e ilustradas por Olavo de Eça Leal, que se destinam a ser glosadas pelos leitores pequenos e grandes que para isso estejam dispostos. As glosas devem ser entregues até ao dia 5 de Dezembro, sendo publicadas no *Pim! Pam! Pum!* as duas

melhor classificadas. Toda a correspondência referente a este assunto deve ser dirigida a Olavo de Eça Leal — Redacção do jornal *O Seculo* suplemento infantil.

NOTA: Não devem esquecer indicar a idade, nome e morada.

A varina



As damas da fidalguia
usam perfumes de prêço!...
— O meu é de marezia
que é o melhor que conhêço

A vendedeira de tremoços



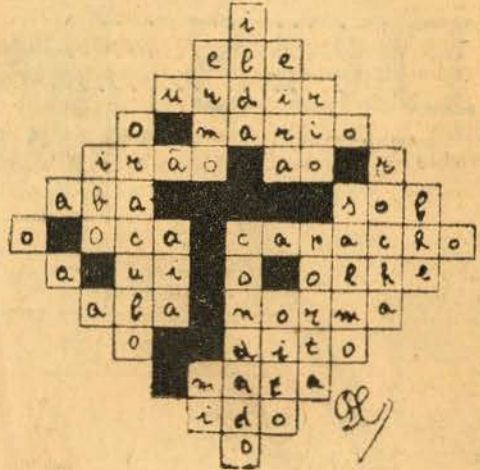
Quem quer tremoços dos belos
a mei' tostão salamim?!
Venho agora de vendê-los
em casa da mãe do Pim?...

HORA DO RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS

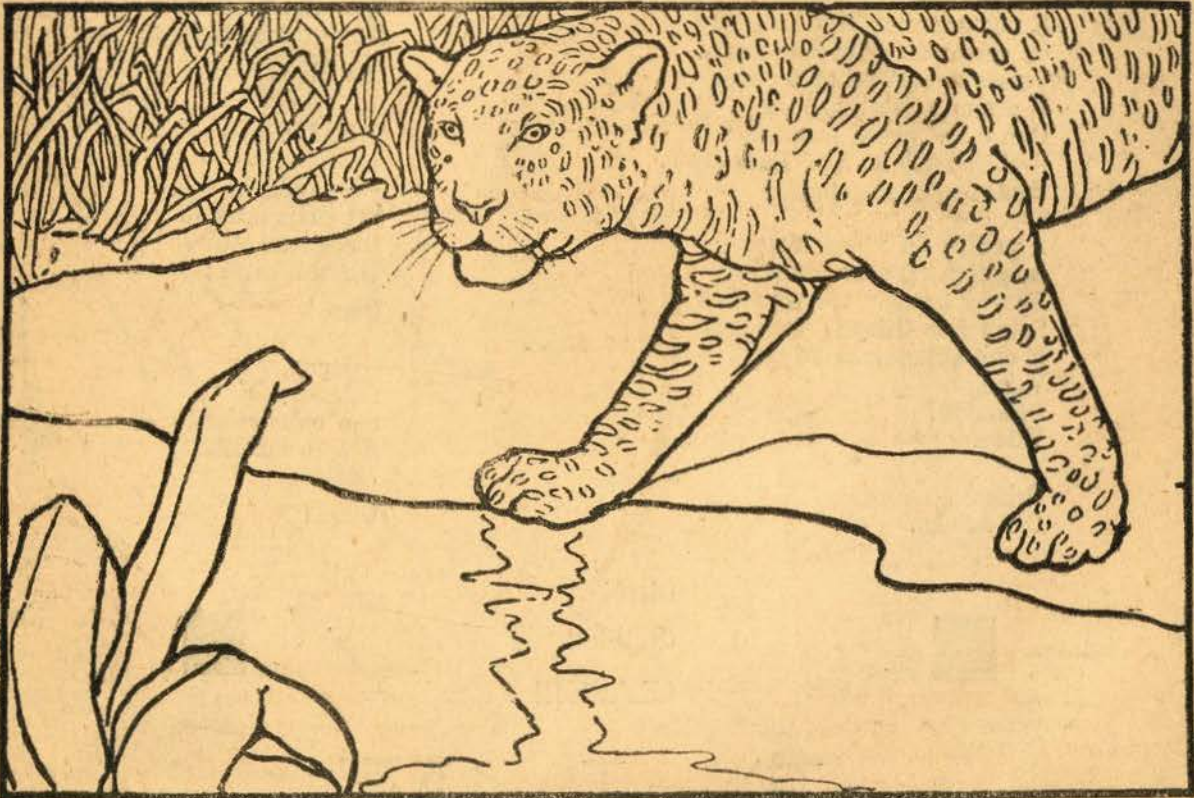


PAUL R. OLIVEIRA



Decifrações do número anterior

PARA OS MENINOS COLORIREM



OR LAN DOS

POR



AUGUSTO de SANTA-RITA

DESENHO de EDUARDO MALTA

EM Fafe—entre Douro e Minho—
Orlando Carlos—Candinho—
E Orlanda do Céu—Ceuzinha—
São dois meninos que moram
Numa formosa cazinha,
— (Um
Chaletzinho)—
E que adoram
Os versos do «Pim-Pam-Pum».
Versos que às vezes decoram
E dizem nêsse zum-zum
Que é um palrar maganão:
—«Tão-ba-la-lão!... Ba-la-lão!...
Pum-catapum-catapum!»

A pedido da Mãezinha
Que uma carta me escreveu,
Eu vou compôr uns versinhos
Sobre êste Orlando Carlinhos
E esta Orlandinha do Céu!
Valeu,
Orlandos?
Valeu.

Orlando,
Orlandinha,

São orlas orlando
A doce Mãezinha;
Olaré!

Orlanda,
Orlandinho,
São orlas orlando
De flores o caminho;
Olaré!

Orlandinho,
E Orlanda,
—Orlanda do Céu—
São orlas orlando
De açúcar pilé
Um rico pitéu;
Olaré!

Orlando,
Orlandita,
São orlas orlando
A ouro uma fita
«Moirée»;
Olaré!

Olaré!

OLARÉ!!

OLARÉ!!!

F I M